

ARTICULAÇÃO DA CULTURA CORPORAL NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIAS NA AMAZÔNIA ACREANA

Cilnaria de Mello Silva¹
Adriane Corrêa da Silva²

Rio Branco/Acre, 14 de novembro de 2025.

Prezado(a) Colega Educador(a),

Escrevemos-lhe³ esta carta, não apenas como um relato, mas como um convite à reflexão acerca dos caminhos que trilhamos na Educação da Amazônia Acreana, especialmente na formação de professores/as e na articulação da cultura corporal. Estas palavras nascem de um compromisso inabalável com a existência humana e a valorização de cada ser que habita nossos espaços educativos independente da região (florestas, rios, campos ou cidades). É um diálogo que iniciamos a partir dessas linhas e desejamos que se estenda em suas reflexões e práticas pedagógicas.

¹ Especialista em Saberes e práticas pedagógicas no ensino (SPPE) e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professora da Secretaria de Estado, de Educação, Cultura e Esporte do Acre (SEE/AC). E-mail: cilnaria12@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1700800799070877>. ORCiD: <https://orcid.org/0009-0001-4311-5428>.

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (2024) e Integrante do Grupo de Pesquisa Itinera/UFSC. Mestra em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande/FURG (2005). Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (2001). Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (2000). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e da Graduação no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Acre (UFAC). Líder do Grupo de Pesquisa LEPEF-EdSala/Ufac e Pesquisadora da Rede Cedes/Acre. Atuação na área do Movimento Curricular e Formação de professoras (es), com ênfase em Educação Física. E-mail: adriane.acs@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3618966068565551>. ORCiD: <https://orcid.org/0000-0003-4994-227X>.

³ Registra-se que somos duas professoras/docentes – uma com atuação na Educação Básica, a qual relatamos a trajetória nesta carta e outra, do Ensino Superior, que por meio de atos curriculares, auxilia na articulação da atuação profissional na Educação Básica com os sentidos e significados do contexto formativo.

O presente trabalho tem como objeto de estudo as experiências docentes relacionada a cultura corporal, no contexto do 2º ano do Ensino Fundamental em escolas rurais da Amazônia Acreana. Nossos objetivos são narrar e analisar a trajetória de uma professora da Educação Básica, com formação em Pedagogia, que ressignificou sua prática a partir da Pós-Graduação, integrando a cultura corporal em seu movimento curricular. A justificativa para este estudo reside na urgência de sistematizar e dar visibilidade a práticas pedagógicas transformadoras em contextos de isolamento e escassez, contribuindo para o debate sobre a formação de professores/as e a articulação curricular da Educação Física em regiões rurais da Amazônia.

A semente da inquietação: o contexto da jornada

Apresentamos a trajetória de uma docente da Educação Básica, cuja realidade, por vezes, desafia as teorias elaboradas com objetivo fixo. Lembramo-nos do final do segundo semestre de 2021, um período ainda marcado pelas incertezas da pandemia de COVID19, quando uma professora foi convocada pela Secretaria de Estado, Educação e Cultura do Acre para atuar em uma escola rural na Região Norte do Brasil. A Escola Floresta, como a denominamos, era um microcosmo das dificuldades e de riquezas do nosso país. O acesso, por si só, já era uma lição de vida: 15 quilômetros de estrada que exigiam um carro com tração nas quatro rodas, e, em certo ponto, um quadriciclo. Essa jornada diária, ou a sua impossibilidade, revelava a carência de infraestrutura e o isolamento de comunidades que, paradoxalmente, são berços de saberes ancestrais e de uma resiliência ímpar.

Nesse cenário, a função da professora transcende a sala de aula. Em seus atos curriculares, a docente era responsável por todo o funcionamento da estrutura escolar, dispondo apenas do auxílio de uma manipuladora de alimentos. Durante o período chuvoso – entre os meses de novembro a fevereiro –, as atividades eram elaboradas em blocos e entregues remotamente. Era um esforço hercúleo para garantir que o conhecimento chegasse a cada estudante, mesmo que de forma intermitente. Mas a realidade impunha seus limites: muitos estudantes não recebiam as tarefas e outros não conseguiam realizá-las. A correção e a reelaboração das atividades eram um constante exercício de adaptação e criatividade, sempre buscando atender às orientações da Secretaria de Educação do Estado, mas sem perder de vista as especificidades de cada criança.

A experiência da professora na Escola Rural Floresta foi breve, mas intensa. As

dificuldades de permanência levaram-na a buscar um remanejamento, primeiro, para a Escola Rios e, em seguida, para a Escola Campo⁴. Nessas escolas rurais, deparou-se com o ensino multisseriado, onde turmas do 1º ao 5º ano compartilhavam o mesmo espaço, com um mínimo de 25 estudantes por sala. A avaliação diagnóstica inicial revelou uma realidade desafiadora: a maioria das crianças ainda não havia consolidado a alfabetização. As atividades precisavam ser elaboradas de acordo com as especificidades de cada uma, constituindo-se em um trabalho artesanal, que exigia dedicação e atenção às necessidades individuais das crianças.

A implementação do ensino remoto nessas localidades revelou-se um processo de alta complexidade, evidenciando a precarização das condições de trabalho e a ausência de políticas públicas efetivas para esses contextos. A dificuldade em operacionalizar práticas pedagógicas significativas, somada à carência de suporte institucional, acentuou obstáculos históricos que a professora já experienciava desde sua formação básica. Tais inquietações foram potencializadas pelas lacunas curriculares no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Acre (UFAC), onde o componente de Educação Física foi abordado de forma incipiente. Essa fragilidade na formação inicial gerou um sentimento de insegurança profissional quanto ao trato com a cultura corporal, mobilizando a docente a buscar o aperfeiçoamento teórico-prático por meio da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Saberes e Práticas Pedagógicas no Ensino Fundamental (UFAC).

O despertar para a cultura corporal: outra perspectiva para o contexto da prática pedagógica

O embasamento da professora acerca da Educação Física vinha, em grande parte, da sua experiência na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) em uma escola pública. Esta possuía uma quadra esportiva onde o/a professor/a priorizava a realização dos jogos de futebol com os meninos, relegando às meninas a uma participação opcional. Essa lacuna formativa, que se estendeu até a graduação, causava-lhe um desconforto constante. A falta de planejamento e a ausência de uma abordagem mais inclusiva e significativa nas aulas de Educação Física na Educação Básica, eram evidentes.

No entanto, em sua atuação profissional na prática pedagógica em contexto da

⁴ A carta versa a respeito de três escolas públicas: Escola Floresta, Escola Rios e Escola Campo. Os nomes das escolas são fictícios, preservando a identificação das instituições de ensino.

Educação Básica trouxe-lhe outras perspectivas. A professora observou que as propostas de atividades espontâneas nos horários destinados à Educação Física eram bem recebidas pelos/as estudantes. Mesmo com a pouca apropriação teórica adquirida na universidade em seu curso de graduação, a professora dedicou-se a pesquisas prévias e ao planejamento, desenvolvendo dinâmicas que se mostraram criativas, a partir da limitação com relação ao conhecimento sobre a cultura corporal. Após ingresso na Pós-Graduação a professora, com formação em Pedagogia, sensibilizou os corpos infantis e diante desse resultado promissor em busca da compreensão a respeito do movimento, estabeleceu atividades como os jogos, o alongamento e os exercícios de contato físico, ações da cultura corporal.

Foi na experiência da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Saberes e Práticas Pedagógicas no Ensino Fundamental, que a docente consolidou essa evolução prática com relação à práxis⁵. A disciplina de Ensino de Educação Física Escolar, ministrada por docente do ensino superior do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFAC, foi um divisor de águas. A professora da Educação Básica sentiu-se mobilizada a pensar teoricamente a respeito da cultura corporal, além de reconhecer a potencialidade de movimentos dos corpos infantis e a representações em suas relações. Com essa provocação, a prática pedagógica passou a ser fundamentada em um conjunto de conhecimentos antropológicos, pedagógicos e políticos construídos a partir das experiências em curso *Lato Sensu*. Essas construções acadêmicas impactaram positivamente a compreensão sobre o corpo e as possibilidades de movimento inerentes às manifestações da cultura corporal.

A partir dos conhecimentos provocados pelo contexto da disciplina da Pós-Graduação e aliados a um maior embasamento teórico, a professora apresentou práticas pedagógicas fundamentadas sobre a cultura corporal para o 2º ano do Ensino Fundamental. Aos poucos a professora notou o empenho e o entusiasmo dos/as estudantes quanto às práticas, o que transformou seu olhar e sua ação pedagógica. Os resultados do diagnóstico de aprendizado das crianças tiveram progressos, evidenciando que os movimentos corporais desenvolvidos de forma sensível mantinham os escolares mais ativos, menos faltosos e mais motivados.

Com esse despertar, a professora, na qualidade de regente de turma, descobriu que a cultura corporal passou de lacuna a pilar fundamental para o desenvolvimento integral das crianças em suas aulas no Ensino Fundamental I. Nesse sentido, prezada/o colega, a escrita

⁵ Adotamos a concepção freireana de práxis, que estabelece a indissociabilidade entre a teoria e a prática. Trata-se do movimento de ação-reflexão-ação, no qual os sujeitos, ao refletirem criticamente sobre o mundo, atuam sobre ele para modificá-lo (Freire, 1970).

desta carta baseia-se em experiências, com ênfase na cultura, conforme aponta Ehrenberg e Neira (2018), Grandó (2014) e Silva (2024). Para isso, buscamos agrupar autores/as, pesquisadores/as e educadores/as que discutam as formas inventivas, críticas e reflexivas presentes nas manifestações corporais e em suas linguagens.

Quanto ao procedimento metodológico adotado neste estudo, caracteriza-se pela natureza qualitativa, ancorada na perspectiva participante (Brandão, 2013) e do relato de experiência, utilizando as cartas pedagógicas (Freire, 2000) como dispositivo de reflexão e registro. Para contextualizar a discussão e fortalecer o diálogo teórico, realizamos um levantamento bibliográfico exploratório, que, embora não se configure como um Estado do Conhecimento no sentido estrito, permitiu um mapeamento ordenado para a leitura da realidade, conforme sugerido por Silva e Thiesen (2021).

Este mapeamento incluiu a base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com os termos: cultura corporal, prática curricular, formação de professor em Educação Física escolar e região norte. O detalhamento da busca abrangeu título, resumo, autor, termos, tipo de documento, ano, link e idioma, no período de 2012 a 2022. O uso de um asterisco após a palavra “professor*” permitiu uma busca ampla, sem limitação de gênero, número e grau.

Essa pesquisa resultou na identificação de 24 textos, sendo que 2 textos – Sobreira (2015) e Oliveira (2021) – mereceram destaque, articulando-se diretamente com esta carta. Sobreira (2015) aponta para uma formação de Licenciatura em Educação Física que valoriza a qualificação e a titulação docente, bem como o cumprimento normativo da legislação curricular. Embora não afirme que a formação seja carente de uma abordagem transformadora, a autora ressalta a necessidade de uma qualificação profissional mais aprofundada para o contexto de atuação. Ela enfatiza que os profissionais são responsáveis pela formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos em fase escolar e que, portanto, deveriam ter uma compreensão aprofundada sobre as possibilidades da área.

Essa reflexão leva a questionar a compreensão da cultura corporal no curso de Pedagogia. Argumentamos que a formação em Pedagogia se concentra na questão cognitiva do ser humano, sendo que as experiências cognitivas demonstram que o indivíduo utiliza seu corpo para verbalizar pensamentos e desejos (Piaget, 1979). O ato motor, nesse sentido, complementa a expressão do pensamento e o gesto antecede a palavra. Portanto, o ser humano percebe e articula seu pensamento através do corpo. Essa perspectiva reforça a importância de integrar a cultura corporal à formação pedagógica, reconhecendo o corpo

como linguagem e veículo essencial para expressão e aprendizagem.

No outro texto, a autora Oliveira (2021) sinaliza a cultura corporal como um conjunto de saberes construído por meio das relações, destacando a importância da Educação Física na valorização da diversidade cultural e das manifestações corporais presentes no cotidiano. Por sua vez, Santos (2019) aponta que, muitas vezes, no ambiente escolar, a criança é tratada como adulto em miniatura, com a premissa de que os indivíduos infantis são de fácil controle. Essa abordagem impõe regras e exige competências, buscando a “docilização dos corpos” em detrimento dos anseios sociais. No entanto, as crianças existem de forma diferente dos adultos, atravessadas pelas culturas nas quais estão inseridas. Como Santos (2019, p. 17) bem observa: “Mesmo que a criança adentre um espaço desconhecido por ela, como é o caso da escola, ações como o brincar, imaginar, imitar estarão presentes no seu jeito de ser e estar no mundo”.

O mesmo autor evidencia a influência das práticas culturais que atravessam os corpos infantis e manifestam-se por meio deles. Contudo, ainda é perceptível na educação escolar a influência do pensamento cartesiano, que marca os processos pedagógicos e induz à reprodução e à transmissão de conteúdo, pressupondo a passividade dos/as estudantes. Reiteramos, portanto, no contexto da prática pedagógica, a necessidade de perceber os corpos infantis por meio de suas relações socioculturais, potencializando-os e dando luz às suas existências. Com isso, fazemos um convite a decolonizar o olhar na práxis, reconhecendo a riqueza que emerge da diversidade e da espontaneidade das crianças (Walsh et al, 2018).

As experiências: vozes e corpos-movimentos acreanos na Escola Campo

Neste ponto da carta, vamos compartilhar algumas das experiências da professora com os corpos-infantis do 2º ano, pois marcaram sua prática pedagógica na Escola Campo. Como Paulo (2023) nos ensina, o uso das cartas pedagógicas como instrumento metodológico em pesquisa participante, ao apresentar a experiência de formação continuada no ensino superior, explora as conexões com base no legado de Freire (2000). Alves e Berino (2022) manifestam a utilização das cartas no contexto da formação de professores/as, o que pode ser importante para entender como elas são utilizadas nesse contexto.

É nesse intuito que registramos a prática pedagógica, embasada também em Ehrenberg e Neira (2018), Grandó (2014) e Silva (2024) para justificar a utilização da experiência da cultura corporal como um processo constante de criação e reconfiguração

crítica do contexto curricular. E durante o período de atuação na escola Campo, a professora realizou três atividades práticas com as crianças de 7 e 8 anos de idade. A primeira, intitulada “Fala que eu te escuto”, a segunda “Vocês têm alguma ideia do que fazer?” e a terceira “O que é isso?”. Cada uma delas foi um convite à expressão, ao diálogo e à descoberta, revelando a potência dos corpos infantis em movimento, conforme será apresentado a seguir.

“Fala que eu te escuto” - O diálogo dos corpos

A atividade “Fala que eu te escuto” foi organizada para o 2º ano “A” do Ensino Fundamental como parte das “Dinâmicas de boas-vindas”. O primeiro momento, no qual as crianças expressaram-se com movimentos corporais criativos, mostrou-se alegre e descontraído. Os/as estudantes foram orientados a formar um círculo em pé e, ao som de uma música, eles se movimentavam livremente. Em cada pausa da música eles ficavam estáticos, prestando atenção aos comandos dados pela professora regente. No instante de recomeço da música, as crianças cumprimentaram-se criativamente, de acordo com exemplos como: cumprimentar o colega com os dedos, as pernas, as mãos, os joelhos e as costas.

Ao final da atividade, formou-se novamente o círculo, sendo solicitado aos estudantes observar uns aos outros e comentar o que mais haviam gostado. Outro aspecto crucial dessa dinâmica diz respeito ao momento “conhecendo os/as colegas”, no qual deveriam ser memorizados os nomes uns dos outros, para trabalhar a identidade de forma lúdica diante da observação e da escuta no momento “fala que eu te escuto”.

Essa prática pedagógica ocorreu de forma lúdica e interativa, permitindo que os corpos infantis conhecessem mais uns aos outros, atendendo à dinâmica de boas-vindas, dentro dos aspectos de empatia, conversação, resolução de conflitos e opiniões diversas. Também favoreceu a relação professora-estudante e estudante-estudante, possibilitando a troca afetiva, a cooperação e o respeito mútuo. Do mesmo modo, os/as estudantes acolheram e valorizaram a diversidade de pessoas e grupos sociais, reconhecendo a multiplicidade de saberes, identidades, culturas e potencialidades, estimulando a comunicação sem preconceito, com diálogo e cooperação, contemplando a diversidade do ambiente.

Em suma, enfatizamos o incentivo dado ao componente “movimento corporal”, objetivando o desenvolvimento motor e expressivo das crianças. Dessa forma, a atividade “Fala que eu te escuto” transcende a função de quebra-gelo para configurar-se como um dispositivo de Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial (Walsh, Oliveira, Candau, 2018). Ao propor que o corpo 'enuncie' quem é o sujeito, a prática pedagógica rompe com a

lógica da homogeneização escolar que, historicamente, silencia as particularidades de estudantes amazônicos. Nesse movimento, a construção da alteridade não ocorre apenas pelo discurso verbal, mas pela presença dos corpos infantis que ocupam o espaço (Grando, 2014).

O corpo que se move na Escola Campo não é um corpo genérico biologicamente; é um corpo atravessado pelas águas, pelas matas e pelas experiências rurais, o qual enuncia a cultura do Acre e da Amazônia. Assim, ao reconhecer o movimento do outro, o/a estudante não apenas memoriza um nome, mas valida a existência de uma identidade cultural distinta, promovendo o que Freire (2019) denomina de reconhecimento recíproco, onde o 'Eu' só se fortalece na medida em que acolhe e respeita a singularidade do 'Outro'.

“Vocês têm alguma ideia do que fazer?” - A autonomia em movimento

Após uma aula ministrada por uma docente da UFAC na Pós-Graduação, a professora de Educação Básica sentiu-se inspirada a desenvolver mais uma prática sobre cultura corporal na escola. Assim, a atividade “Vocês têm alguma ideia do que fazer?” foi realizada com o objetivo de trabalhar a percepção e a consciência corporal das crianças, além de estimular habilidades motoras e cognitivas relacionadas à lateralidade, em conformidade com o processo de ensino-aprendizagem.

Para iniciar a dinâmica, a professora destacou aos estudantes que todos/as deveriam participar, solicitando-lhes que sentassem em círculo, no chão da sala de aula, levando em conta o conhecimento prévio de cada um/a e seguindo as orientações da professora regente, como “pegue a bolinha que está no chão com a mão direita” ou “pegue a bolinha com a mão esquerda” e assim por diante. Para a realização da atividade, foram mobilizadas diferentes ações que estimulavam a identificação e a utilização do corpo, que mesmo parecendo uma atividade simples, a professora teve o cuidado de orientar a postura adequada para a execução dos movimentos. Em consequência, o corpo e a memorização tornaram-se muito mais dinâmicos, convergindo para a significação correta da percepção sobre lateralidade, desempenhando um papel importante e permitindo noções satisfatórias de corpo, espaço e manipulação dos objetos pelos/as estudantes.

Sobre esse assunto, o campo de experiência adotado no Currículo de Referência Único do Acre (2017, 2018) para essa faixa-etária, propõe a exploração dos espaços, das sensações e das brincadeiras como forma de descobrir possibilidades e limites corporais. Diante da premissa, acentuamos que houve o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas relacionadas à percepção e à utilização dos lados do corpo (direito e esquerdo).

Ao final da atividade, a professora promoveu uma roda de conversa para que os corpos escolares compartilhassem suas experiências. Eles comentaram sobre as dificuldades encontradas, destacando como a atividade colaborou para um melhor entendimento acerca dos lados do corpo. Além disso, a atividade envolveu o trabalho em grupo, promovendo a troca de conhecimento e o aprimoramento de outras habilidades importantes para a vida em sociedade.

Com isso, a exploração da lateralidade nesta atividade supera a visão tecnicista de treinamento motor. Ao questionar “o que fazer”, a professora desloca o eixo de comando para a autonomia, permitindo que a criança reconheça seu esquema corporal como base para a estruturação do pensamento lógico e da alfabetização da cultura corporal. Pedagogicamente, isso representa um rompimento com o dualismo cartesiano (corpo versus mente) e permite o reconhecimento da diversidade cultural (Grando, 2014).

“O que é isso?” - A curiosidade como movimento da aprendizagem

Na aula a respeito da cultura corporal, a professora propôs uma atividade sobre a peteca envolvendo estudantes do 2º ano. A aula foi iniciada com a explicação acerca da origem e da importância desse jogo, destacando sua relação com a cultura indígena e brasileira, culminando na produção da peteca. Para confecção desse objeto, a professora havia solicitado aos estudantes que levassem materiais de casa, tais como sacolas, jornais, papelão, penas, tecidos e fitas. Essa ação privilegiou o uso de materiais recicláveis e o reaproveitamento de sucata para a construção do artefato, oferecendo-lhes novos significados.

O objetivo da atividade era desenvolver habilidades motoras, equilíbrio e precisão, somada à interação entre estudantes e suas culturas. Ocorreu, também, a interdisciplinaridade com os conteúdos de língua portuguesa, sendo organizada uma lista semântica dos objetos em uso para a produção inicial do brinquedo, contemplando, igualmente, o ensino de história sobre a cultura regional e nacional. Em seguida, o passo a passo da construção da peteca foi disponibilizado, sendo produzida pelos/as estudantes. A confecção oportunizou, a cada criança, a experiência de criar um brinquedo com as próprias mãos. Depois dessa etapa, elas foram conduzidas ao espaço externo, um campo que é destinado a atividades ao ar livre. Lá, exercícios simples, como arremessar e receber a peteca com as mãos, jogar para cima e aparar com as mãos, foram desenvolvidos de forma espontânea e criativa, estimulando a coordenação, a direção, a concentração e ampliando a complexidade dos movimentos, a partir da própria experiência.

Tal prática, possibilitou um contato diferenciado com os saberes culturais da comunidade, pois as crianças tiveram a oportunidade de compartilhar vivências e percepções diversas com os seus colegas. A proposta do plano de aula da professora regente, foi além do conteúdo normatizado, trazendo à tona temas como a tolerância, as divergências, a cordialidade, a socialização e o aprender a ter uma boa convivência. De certa forma, também proporcionou aquisição de competências e valores sem a divisão dicotômica entre meninas e meninos, promovendo a participação ativa de todos no processo de ensino e aprendizagem.

É importante destacar que, além de atenta aos movimentos dos corpos infantis nas aulas, a professora observou com atenção e sensibilidade a organização da atividade pelas crianças, potencializando o entendimento das particularidades e dos sentidos da cultura em seus corpos. Sendo assim, através do desenvolvimento da “peteca em jogo”, articulado às dimensões de ensino (conceitual, procedimental e atitudinal), os estudantes tiveram a percepção de tempo e espaço. Do mesmo modo, houve a apropriação dos contextos históricos desse jogo e suas possibilidades em construção e desconstrução para a efetivação da prática pedagógica e valorização da cultura corporal.

Na exploração da atividade “peteca em jogo” as crianças puderam compreender as crenças e tradições, relacionando essas práticas às experiências vividas nas suas comunidades. A construção da peteca com materiais locais e recicláveis configura-se como um ato de resistência. Ao integrar saberes ancestrais indígenas à prática escolar, a atividade deixa de ser meramente procedimental para tornar-se uma análise pedagógica da cultura. O artefato 'peteca' atua como um mediador didático de decolonização do currículo, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo entre a sustentabilidade, a história e a motricidade, onde o conhecimento não é apenas transmitido, mas produzido a partir da realidade material e cultural de estudantes amazônicos (Grando, 2014; Silva, 2024).

Na sequência, a professora promoveu uma roda de conversa para saber a percepção das crianças sobre a experiência. Ao fazer a escuta atenta acerca das vivências, ela respeitou às diversas percepções de mundo no contexto da floresta, dos rios, do campo e da cidade. Nessa perspectiva, ao promover diálogos com as crianças, a professora valoriza a escuta, por meio da percepção de novos olhares, abrindo caminhos para uma educação intercultural crítica com base em uma pedagogia decolonial, possibilitando outras formas de compreensão e intervenção no contexto educacional (Silva, 2024).

Encerrando a escrita

Prezado/a colega, essas experiências, embora pontuais, foram profundamente significativas para a compreensão das manifestações da cultura corporal no contexto da Educação Amazônica Acreana. Elas demonstraram que, diante das dificuldades estruturais dos contextos e desafios diversos, é possível construir práticas pedagógicas transformadoras, que valorizem a voz de corpos infantis, estimulem a criatividade e promovam por meio da produção do conhecimento a decolonização do saber. Na exposição desta carta, a professora não está diminuindo a obrigação do Estado, pelo contrário, denuncia de certa forma o descaso com as escolas de zona rural em contexto acreano, e mais ainda, registra a necessidade de que as escolas rurais tenham em seu quadro profissional professores/as habilitados/as na área de Educação Física para atuar com as infâncias e adolescências.

Ao finalizar essa carta, reafirmamos a importância de uma prática pedagógica que valorize a cultura corporal como um elemento fundamental no desenvolvimento das infâncias nas Escolas - Floresta, Rios e Campo. A jornada da professora na Educação Básica, com desafios e descobertas, mais especificamente na Escola Campo, revelou a potência de uma abordagem que reconhece o corpo como linguagem, estimula a autonomia, proporciona resistência e celebra a diversidade de saberes e experiências, emergindo do encontro entre os corpos infantis e o mundo.

As experiências na Escola com os corpos infantis do 2º ano reforçaram a convicção de que as manifestações da cultura corporal, quando pautada em uma perspectiva cultural, transcende a mera reprodução de movimentos e se torna um espaço de diálogo, criação e transformação. Ainda, pode proporcionar experiências que valorizam a expressividade, a autonomia e a curiosidade, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos, criativos e conscientes de seu lugar no mundo, desde que, tenha o reconhecimento e seja ministrada por profissionais da área da Educação Física.

Depois de compartilharmos as experiências, em especial, da Escola Campo e o movimento de decolonização do olhar sobre a cultura corporal, surge a reflexão sobre a realidade - da sua Escola Campo -, como por exemplo, em que medida a infraestrutura, a formação ou a rotina têm limitado a potência da sua prática pedagógica? Nesse sentido, sintase convidado/a a transformar a sua inquietação em ato curricular e não se conformar com as lacunas existentes.

Assim, desejamos que esse relato seja capaz de lhe inspirar a escutar e sentir as outras

formas político-educacionais de intervenção no mundo, criando alternativas em seu próprio contexto escolar. Queremos que essa carta seja um convite à reflexão e à ação, mantendo o espírito dialógico e crítico característico das Cartas Pedagógicas, que convidam à reflexão sobre a realidade e à intervenção no mundo.

Por fim, almejamos construir juntos/as uma educação que reconheça a potência dos corpos infantis, que celebrem a diversidade cultural e que promovam a formação de sujeitos mais humanos, sensíveis e transformadores. E para isso, convidamos você a nos escrever de volta, contando sobre suas descobertas e desafios. Sigamos junto/as tecendo uma educação intercultural crítica, viva e dinâmica.

Palavras-chave: Experiências; Contexto de prática; Cultura corporal; Amazônia Acreana.

REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado, de Educação, Cultura e Esporte. **Currículo de Referência Único do Acre: Ensino Fundamental: de excelência para todos.** Rio Branco, 2018. Disponível em: <https://novocurriculoacre.wixsite.com/curriculoacre>. Acesso em: 11 nov. 2025.

ACRE. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte. **Currículo de Referência Único do Acre: Educação Infantil de Excelência para todos.** Rio Branco, 2020. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:4445227a-7ed3-41ff-abe4-91d55b236620?viewer%21megaVerb=group-discover>. Acesso em: 11 nov. 2025.

ALVES, William; BERINO, Aristóteles de Paula. Cartas pedagógicas na formação docente: pesquisa como prática da liberdade. **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade, Seropédica**, v. 7, n. 12, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrrj.br/index.php/rtps/article/view/632>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa.** São Paulo: Rosa dos Ventos, 2013. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/PESQUISA/PESQUISA%20PARTICIPANTE/A%20PESQUISA%20PARTICIPANTE%20E%20A%20PARTICIPA%C3%87%C3%83O%20DA%20PESQUISA%20-%20rosa%20dos%20ventos.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2026.

EHRENBERG, Mônica Caldas; NEIRA, Marcos Garcia. Cultura corporal como linguagem: uma experiência de formação de professores. **Revista de Graduação USP**, v. 3, n. 2, p. 123–128, 2018. Disponível em: *Cultura Corporal como Linguagem: Uma Experiência de Formação de Professores | Revista de Graduação USP*. Acesso em: 11 nov. 2025. DOI https://doi.org/10.11606/issn.2525-376X.v3_i2p123-128.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.
- GRANDO, Beleni Saléte. Do corpo e da cultura: indícios da realidade na perspectiva intercultural. **Revista Arquivos em Movimento**, v.10, n.1, p.138-154, jan/jun. Rio de Janeiro-RJ, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9235/>. Acesso em 27 fev. 2026.
- NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2. ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. *E-book*. Disponível em: Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica, de Marcos Garcia Neira. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. | EccoS – Revista Científica. Acesso em: 11 nov. 2025.
- OLIVEIRA, Gracy Kelly Andrade Pignata. **Inclusão na Educação Superior: novas tessituras para o campo da docência universitária**. 2021. 218 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34788>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.
- PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas Pedagógicas como Instrumento Metodológico de Pesquisas Participativas. **Rev. Int. Educ. Super.** Campinas, v., e023019, 2023. Epub 27-Mar-2025. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2446-94242023000100301&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 11 nov. 2025.
- SILVA, Adriane Corrêa da. Currículo de Educação Física da Universidade Federal do Acre: articulação dos saberes de corpos-docentes, em contextos de prática, com modos outros de existir acreano. 2025. 197 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, 2024. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PEED1758-T.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- SANTOS, José Carlos dos. **A corporeidade criança vai à escola?** 2019. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2019. Disponível em: <http://bdtd.ufm.edu.br/handle/tede/683>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- SILVA, Adriane Corrêa da; THIESEN, Juarez da Silva. **Estado do conhecimento: caminhos que fundamentam a pesquisa na formação inicial de professores/as**. In: ANPED NORTE REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL (UFT – Palmas/TO), 3., mar. 2021, Palmas, TO. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/21/7077-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 11 nov. 2025.
- SOBREIRA, Vickle. **Indícios da formação de professores de Educação Física em Minas Gerais**. 2015. 199 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, área de concentração “Formação e Ação Profissional em Educação Física e Esportes”, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2015. Disponível em: <http://bdtd.ufm.edu.br/handle/tede/331>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Volume 26, Número 83, julho. 2018. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874/2102>. Acesso em: 27 fev. 2026.